

Capítulo 5

As pulsões do olhar e o culto ao corpo

Na atualidade, temos um retorno ao corpo como objeto de investimento das pulsões do olhar, decorrente de uma aparente liberdade social. Tal corpo poderia ser considerado seminú em razão de se apresentar, na maioria das vezes, com pouca roupa ou com certos tipos de vestes que salientam os contornos físicos. Cabe mencionar que no Brasil, o clima tropical favorece essa forma de exposição.

A indústria cultural tem apresentado o corpo como objeto de consumo. As produções da indústria cultural, como a TV e as revistas, bombardeiam constantemente os indivíduos com imagens que vendem determinados padrões estéticos. Apesar de o crescimento da pornografia, o nu ainda não é bem visto socialmente e continua fora da esfera pública.

As academias de ginástica e musculação são importantes meios para que os indivíduos tentem se aproximar das características físicas exibidas pelos modelos veiculados pela indústria cultural.

A promessa das academias é moldar o corpo conforme os padrões estéticos vigentes e fazer com que os praticantes se sintam saudáveis e atraentes. As propagandas tentam passar a ideia de que saúde e beleza estão entrelaçadas, podendo ser conquistadas nas academias.

No entanto, temos observado diversos tipos de problemas de saúde relacionados às práticas esportivas que nos levam a pensar em certa incompatibilidade entre saúde e os ideais de beleza difundidos. Entre esses problemas, podemos citar: câncer e problemas cardíacos relacionados ao uso de anabolizantes e lesões por esforço excessivo, associadas a posturas incorretas durante a realização dos exercícios.

Certos limites são inerentes a determinada estrutura corporal que para ser modificada e adaptada aos padrões, necessita do uso desses recursos nocivos à saúde. A obsessão pelo ideal de corpo perfeito tem levado muitos indivíduos a ter comportamentos que poderiam ser considerados típicos de sacrifícios físicos.

Temos uma eterna batalha do indivíduo contra o seu corpo. O nível de exigência do sujeito consigo mesmo frequentemente aumenta quanto mais ele pratica atividades físicas ou se submete a diversos tipos de procedimentos estéticos. É como se esses padrões, a forma estética perfeita, sempre lhe escapasse ao alcance, apesar de permanecer no seu campo perceptivo.

Esse movimento da percepção subjetiva caracterizado pelo ver em detrimento do tocar, fomenta determinados comportamentos obsessivos, expressos na busca pelo corpo perfeito. Vale lembrar que a visão é por excelência o campo de atuação das pulsões voyeur e exibicionista.

Na realidade, os sujeitos que buscam desesperadamente determinados padrões de beleza, dificilmente sentem-se bem, ou seja, costumam a acreditar que atingiram os seus objetivos. Pessoas magras percebem-se cada vez mais gordas e sujeitos com hipertrofia muscular têm a constante sensação de continuarem fracos. A imagem que o sujeito tem de si não coincide com a maneira como é visto pelos outros e se constitui, fundamentalmente, sem referenciais objetivos.

O nível de exigência estabelecido para si em relação a determinado ideal corporal, dificulta que o parecer do outro tenha algum efeito sobre sua auto-imagem. Não adianta falar para uma pessoa com anorexia que ela está muito magra, porque não é dessa forma que ela se vê.

Assim como os padrões almejados pelo sujeito não mudaram, no sentido de permanecerem fixos no seu campo de desejo, muitas vezes sua auto-imagem também não se alterou, apesar de as evidentes transformações sofridas pelo seu corpo. As formas corporais, que a princípio deveriam ser transformadas para serem aliadas do indivíduo, tornaram-se suas inimigas constantes. Para Malysse:

Por fim, essa arte corporal faz pensar em outra arte: a arte da guerra, da luta que cada um é convidado a travar por/contra seu corpo. De fato, o corpo aparece como um campo de batalha, um terreno de conflitos e resistências, onde as diferenças de raça, gênero e nacionalidade parecem desaparecer sob o peso das escolhas individuais feitas em relação ao corpo. (Malysse, 2002, p. 98)

É importante também salientar que, na frenética busca de uma estrutura corporal padronizada, estão envolvidas determinadas características psicológicas marcantes da formação do homem contemporâneo.

As pulsões exibicionista e voyeur foram apropriadas pela indústria cultural e direcionadas para investirem nos padrões estéticos corporais vigentes. De maneira similar à consciência individual, os juízos estéticos tornaram-se heteronômicos.

Para se entender a heteronomia presente nos juízos estéticos, é necessário analisar as transformações sofridas pelo aparelho psíquico entre os séculos XIX e XX, que perduram de forma mais acentuada na atualidade.

Como já foi exposto anteriormente, as pulsões do olhar estão na base das criações e apreciações estéticas. Freud analisou essas pulsões e elaborou a teoria psicanalítica dentro de um determinado contexto social em que o indivíduo burguês possuía uma relativa autonomia.

No entanto, as profundas mudanças ocorridas na economia no início do século XX, em que o capitalismo de concorrências entre pequenos proprietários foi substituído pelo monopolista, reduziram significativamente a livre iniciativa dos indivíduos e com isso sua autonomia ficou seriamente comprometida. Para Mills:

A concorrência era o processo pelo qual os homens ascendiam e caíam, e a economia se mantinha harmônica. No entanto, nessa era de liberalismo clássico, a concorrência não foi apenas um mecanismo impessoal de regulamentação da economia capitalista ou somente uma garantia da liberdade política. A concorrência era um meio de produzir indivíduos livres, o campo de prova para os heróis, em que cada um vivia a legenda do homem independente. (Mills, 1969, p. 33)

A maior parte das competições econômicas não ocorriam mais entre proprietários de pequenas fábricas originadas no interior das famílias burguesas, mas entre funcionários pelos cargos dentro de grandes empresas. O indivíduo burguês – representante da antiga classe média – deixou de ser o proprietário empreendedor e passou a ser o empregado assalariado dos grandes “Trusts”.

A “situação de classe”, em seu sentido mais simples e objetivo, depende do montante e da fonte de renda. Atualmente, o emprego, e não a propriedade, constitui a fonte de renda para a maior parte dos indivíduos que recebem uma renda direta. As possibilidades de vender seus serviços no mercado de trabalho, e não a compra e venda lucrativa de uma propriedade e suas produções, é que determinam a vida da maioria dos indivíduos de classe média... Na nova classe média, os homens trabalham para outros na propriedade de outros. (Mills, 1969, p. 91)

A sociedade capitalista que antes precisava de indivíduos fortes e empreendedores para aumentar a produção e expandir o comércio, demandou por uma outra formação psíquica. Segundo Mills:

A centralização da propriedade foi, portanto, o fim da união da propriedade e trabalho como uma base da liberdade essencial do homem, e a impossibilidade de o indivíduo ter um meio de vida independente modificou a base de seu plano de vida, assim como o ritmo psicológico deste plano. (Mills, 1969, p. 35)

O desenvolvimento tecnológico, o crescente acúmulo de capital e propriedade na mão de alguns empresários que hoje resultam nos oligopólios, reduziram a necessidade da presença de indivíduos audazes e criativos no mercado de trabalho. Contrariamente, fomentou a formação de sujeitos versáteis e frágeis, que pudessem ser adaptados às mais variadas condições laborais, via de regra, submetidos à exploração.

A constante pressão econômica presente na vida dos sujeitos limitou sua liberdade. Para adquirir um emprego, os indivíduos têm que aprimorar seus conhecimentos e moldar sua personalidade de forma a se adequarem cada vez mais à realidade, renunciando a seus interesses. A crítica tem se tornado inócua e a resistência proscrita. Para Horkheimer e Adorno:

Desde que o pensamento se tornou um simples setor da divisão do trabalho, os planos dos chefes e especialistas competentes tornaram supérfluos os indivíduos que planejam sua própria felicidade. A irracionalidade da adaptação dócil e aplicada à realidade torna-se, para o indivíduo, mais racional do que a razão. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 190)

A possibilidade de formação de uma autêntica subjetividade opera contra a sobrevivência do indivíduo em uma sociedade que exige constantemente despersonalização e adaptação. Com o enfraquecimento dessa subjetividade, os conflitos psicológicos analisados por Freud se modificaram.

No mundo atual, os conflitos são predominantemente exteriores. O indivíduo tem se voltado a todo momento para a sobrevivência; só que agora não é mais a natureza que se constitui como a principal fonte da ameaça, mas sim a própria civilização.

O funcionamento do aparato psíquico não ficou imune a tais transformações sociais. A Psicanálise apresentou um sujeito que tem deixado de existir. Segundo Horkheimer & Adorno:

A psicanálise apresentou a pequena empresa interior que assim se constituiu como uma dinâmica complicada do inconsciente e do consciente, do id, ego e superego. No conflito com o superego, a instância de controle social no indivíduo, o ego mantém as pulsões dentro dos limites da

autoconservação. As zonas de atrito são grandes e as neuroses, os *faux fraix* dessa economia pulsional, são inevitáveis. Não obstante, a complicada aparelhagem psíquica possibilitou a cooperação relativamente livre dos sujeitos em que se apoiava a economia de mercado. Mas, na era das grandes corporações e das guerras mundiais, a mediação do processo social através das inúmeras mônadas mostra-se retrógrada. Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e essa economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade. A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 189)

Estabeleceu-se uma nova relação entre as três instâncias psíquicas. O ego enfraqueceu-se e regrediu a fases pré-genitais; o superego foi praticamente abolido e o id liberado. Quando se fala em liberação do id, entende-se como um maior espaço que a sociedade tem deixado para as pulsões se ligarem aos objetos e poderem se expressar. Claro que essa liberdade é controlada e serve para a manutenção do *status quo*. Em relação ao sexo “somente enquanto está submetido ele é permitido”. (Adorno, 1969, p. 92).

A função do superego como instância moral em que o sujeito incorporava as normas e valores da cultura para, posteriormente, julgar seus atos e pensamentos, passou a ser exercida diretamente pela sociedade. Agora o sujeito se tornou basicamente submetido à lei. O certo e o errado deixaram de ser uma questão subjetiva para ser, predominantemente, uma questão jurídica.

O sentimento de culpa tem sido substituído pela vergonha, ou seja, pelo medo de ser descoberto ou apanhado. A redução da faculdade subjetiva de julgamento – consciência moral – tornou obsoleto o sentimento de culpa. Para Horkheimer e Adorno:

A alma, enquanto possibilidade de assumir um sentimento de culpa que não se esconda de si mesmo, se desfaz. A consciência moral perde seu objetivo, pois a responsabilidade do indivíduo por si mesmo e pelos seus é substituída muito simplesmente por sua contribuição ao aparelho, mesmo que isso ocorra sob as antigas categorias morais. Não é mais possível dar uma solução ao conflito pulsional em que se forma a consciência moral. Em vez da interiorização do imperativo social – que não apenas lhe confere um caráter mais obrigatório e ao mesmo tempo mais aberto, mas também emancipa da sociedade e até mesmo faz com que se volte contra a sociedade – tem lugar uma identificação pronta e imediata com as escalas de valores estereotipadas. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 185)

Sem dúvidas que o superego trazia muitos sofrimentos ao indivíduo, pois, entrava em conflito constante com o id e o ego. Porém, depois que o sujeito incorporava as autoridades externas mediante a constituição da consciência moral, ele tinha certa autonomia para escolher entre fazer ou não alguma coisa.

Em um primeiro momento, as contas teriam que ser acertadas consigo mesmo. Agora a sociedade diz para o indivíduo, em termos legais, o que e como ele deve fazer.

No entanto, nos dias atuais, principalmente em razão da impunidade estampada na realidade brasileira e da falta de valores éticos e morais, a nível mundial, temos uma tendência de a vergonha vir a ser substituída pelo cinismo.

O ego, instância da razão e do pensamento, submeteu-se de maneira apática a essa situação. Despojado de força crítica, o ego tem acatado os imperativos sociais como naturais. A liberalização do id e a louvada liberdade presente na sociedade democrática e esclarecida, tentam mostrar que a escravidão do indivíduo é um preço que merece ser pago.

Outro elemento fundamental que viabilizou as modificações no aparelho psíquico, tornando o indivíduo mais suscetível à dominação social, foi o declínio da família como núcleo formador. Diante de uma nova realidade social, marcada pelo crescimento tecnológico e pela velocidade das informações, a tradição bem como as experiências dos pais começaram a contar menos na formação dos filhos.

Diante de um mundo em constante mutação, os pais foram considerados modelos ultrapassados que não poderiam oferecer muito, em termos de conhecimento, aos seus descendentes e assim, outros sujeitos assumiram a função de modelos.

A identificação deixou de ser pessoal, mediante as relações estabelecidas na família, e se tornou impessoal, isto é, passou a ser realizada com diversos modelos exteriores. Nos termos mencionados por Horkheimer e Adorno:

As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muita mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 190)

Não há dúvidas de que a família sempre esteve vinculada ao todo. No entanto, como instância privada e reino da afetividade ela se distinguia do todo. Sua função era fazer a mediação entre o universal e o particular. Os valores sociais eram filtrados por ela antes de serem apropriados pelos indivíduos. Essa filtragem, que variava de uma família para outra, criava pequenos espaços que proporcionavam uma maior autonomia aos indivíduos para conhecerem e julgarem a realidade. Para Marcuse:

A abolição tecnológica do indivíduo está refletida no declínio da função social da família. Anteriormente, era a família quem, para bem ou para mal, criava e educava o indivíduo; e as normas e valores dominantes eram transmitidos pessoalmente, transformados através do destino pessoal... Contudo, sob o domínio dos monopólios econômicos, políticos e culturais, a formação do superego maduro parece, agora, saltar por cima do estágio de individualização: o átomo genérico torna-se diretamente um átomo social. A organização repressiva dos instintos parece ser coletiva, e o ego parece ser prematuramente socializado por todo um sistema de agentes e agências extrafamiliares. (Marcuse, 1999, pp. 96/97)

Os filhos que antes aprendiam um ofício com os pais e trabalhavam dentro de casa, passaram, com a urbanização e o crescimento das indústrias, a trabalhar externamente.

Nesse aspecto, delimitou-se, de forma mais acentuada, a fronteira entre o público e o privado, com a restrição do período de permanência dos indivíduos nesse último âmbito, em razão do número elevado de horas dedicadas ao trabalho externo. O tempo de convivência familiar reduziu no momento em que a família deixou de ser uma célula econômica. Para Prost:

Podemos ver como o desenvolvimento do trabalho assalariado retira a função econômica da família e como a emigração do trabalho, saindo da esfera doméstica, vem acompanhada por uma socialização crescente da função educativa e da função assistencial. A escolarização dos aprendizados profissionais e a Previdência Social substituem a família. (Prost, 2006, p. 28)

A nova conjunção das instâncias psíquicas, decorrente das mudanças objetivas analisadas anteriormente, diminuiu a relativa autonomia dos indivíduos, quando a economia psíquica era gerenciada por eles próprios, e consequentemente também modificou a atuação das pulsões do olhar.

As pulsões voyeur e exibicionista frequentemente vinculavam-se ao proibido, tanto é que em uma de suas formas de manifestação – a sexual – elas foram reprimidas e consideradas perversão. Apesar de ainda perdurar a definição psicopatológica do voyeurismo e exibicionismo, o controle sobre tais fenômenos foi atenuado.

No caso do exibicionismo, nas praias, por exemplo, é possível ver pessoas mostrando seu corpo com biquínis minúsculos e às vezes fazendo *top less*, sem ocasionar grande choque nos banhistas.

O voyeurismo era prática que tempos atrás demandava muito esforço e paciência, pois, não era fácil ao indivíduo passar horas com um binóculo na mão esperando a vizinha chegar em casa para vê-la se despir. Além do mais, precisaria

de muita sorte para conseguir ver algo, sem falar do risco de ser descoberto e denunciado à polícia.

Atualmente, o sujeito não necessita de todo esse esforço, pois, na Internet, existem milhares de *sites* contendo pessoas ávidas para exporem sua nudez ou tendo relacionamentos sexuais. Além do mais, algumas dessas pessoas que se exibem, são amadoras e não cobram valor algum dos usuários que acessam as referidas imagens.

Tanto na arte quanto no cotidiano, o voyeurismo e o exibicionismo dos séculos XIX e meados do século XX, exerciam uma função crítica que denunciava a falta de liberdade existente naquela sociedade. Com sua apropriação pela indústria da cultura, essas pulsões adaptaram-se ao existente. A nudez artística converteu-se em pornografia e os prazeres do olhar no culto ao corpo padronizado. As pulsões voyeur e exibicionista não desafiam mais o proibido, mas, sucumbiram à ordem estabelecida.

A nova moral é predominantemente de cunho estético. Pecado não é mostrar o corpo, mas apresentar um corpo que destoa dos padrões estéticos vigentes. Novamente, retorna-se à questão da fragilidade do superego, pois, não é tanto a presença da culpa por não se ter um corpo “bonito” e sim a vergonha de mostrá-lo, por não se enquadrar naquilo que a sociedade define como belo. Segundo Goldenberg:

Como revela uma outra reportagem,¹ em que pessoas comuns foram convidadas a falar sobre nudez e a se despir diante das câmeras, o receio que muitos indivíduos têm de ficarem nus em público, a dois² ou mesmo sozinhos não se deve a uma espécie de puritanismo *démodé*, mas à dificuldade em mostrar o corpo com todas as suas imperfeições, sem disfarces. Nota-se, nos entrevistados, um discurso que procura enfatizar a necessidade de “estar em paz com o corpo”, de “gostar do próprio corpo”, mostrando que o problema (ou pudor), quando existe, não é tanto em relação à nudez, mas à aparência física, isto é, à sua inadequação aos padrões estéticos considerados ótimos. (Goldenberg, 2002, p. 26)

-
- 1 A autora refere-se a uma reportagem, Toda nudez será complicada, publicada no Jornal “O Globo” em 02/07/2000.
 - 2 Nota de rodapé colocada pela autora: “The Journal of Sex Research, revista especializada nos EUA, mostrou uma pesquisa com duzentas mulheres universitárias, das quais um terço, independentemente de serem gordas ou magras, disse que a imagem que o parceiro faz do corpo delas é o mais importante durante o ato sexual. O autor do estudo afirma que a ansiedade em relação à forma física leva várias mulheres até mesmo a evitarem o sexo (Extra, 28/09/2000)”.

Atualmente, as pessoas têm obrigação de serem belas, já que a concepção de beleza não é estática, no sentido de algo apenas genético que não possa ser transformado pelas ações individuais. A responsabilidade pela aquisição da beleza é, em última instância, dos próprios indivíduos.

Esse nível de exigência social frente à beleza intensifica e condiciona as pulsões voyeur/exibicionista. Intensifica no sentido da importância atribuída a um corpo considerado belo nos diversos tipos de relacionamentos, que no caso específico dos relacionamentos amorosos, pode até mesmo suplantiar o prazer gerado pelo ato sexual.

As formas visuais assumem posição fundamental no terreno sexual; o ser admirado ou admirar se constituem como elementos essenciais para o gozo.

O condicionamento, por sua vez, ocorre em razão das propagandas envolvendo os padrões estéticos, que preparam os sentidos dos indivíduos para serem atraídos por determinadas formas corporais.

A valorização do corpo é apenas aparente já que ele tem que se submeter às rígidas disciplinas que controlam os prazeres presentes no cotidiano dos indivíduos, como a ingestão de guloseimas.

Para a constituição de um corpo com músculos definidos e fortes, também são necessárias grandes quantidades de exercícios que, de certa forma, castigam o corpo e podem desmotivar os indivíduos a praticarem atividades esportivas.

Evidencia-se também a fragmentação do corpo nos padrões estéticos difundidos. Quando vemos a descrição das características de uma modelo em uma revista, primeiramente preponderam as medidas de busto, altura, cintura e peso por ela apresentadas.

Nas academias, os indivíduos preocupam-se com medidas; o que está em jogo é o aumento ou diminuição de centímetros, seja do bíceps, bumbum, abdômen e outras partes do corpo.

Na dissertação de mestrado em que estudei o voyeurismo, relacionado a um site de *web cam*, também foi encontrada essa fragmentação corporal no estímulo veiculado pelo site. Na maior parte do tempo, as câmeras focalizaram exclusivamente determinadas partes dos corpos:

Os fragmentos representados pelos focos exclusivos na vagina, seios e boca aparentam funcionar como peças autônomas, desvinculadas da totalidade, despersonalizadas, dificultando a percepção do objeto na sua particularidade e conseqüentemente a formação de vínculos afetivos. Essa fragmentação se apresenta como emblema da reificação e da regressão psíquica que a Web Cam tenta incitar no voyeur por estimular a percepção de um objeto indiferenciado. (Silva, 2004, p. 85)

De maneira geral, essa indiferenciação também está presente na apreciação da estética corporal e não se apresenta apenas nos estímulos que focalizam fundamentalmente as regiões erógenas, como mencionado na citação anterior.

Com frequência, o sujeito tem sido definido por características físicas: alto, baixo, magro, gordo. O todo que deveria ser mais do que a soma das partes, parece estar se restringindo a ela.

Com o ego enfraquecido e a existência de contradições objetivas, a síntese não é possível; o objeto encontra-se fragmentado em sua constituição e a percepção do sujeito é enganosa por não se dar conta de que esse objeto, apropriado por meio de faculdades cognitivas, já se encontra cindido de antemão, independentemente de seus juízos.

O indivíduo, mediado pela sociedade até o íntimo de seu ser, devolve ao objeto a mesma fragmentação com que foi formado para entendê-lo. Porém, devido ao pensamento lógico formal que escamoteia as contradições existentes, esse objeto apresenta-se ao sujeito com a aparência de algo integrado, estabelecendo-se, assim, concepções falsas acerca das relações sociais e determinações subjetivas.

Para Adorno, em termos de teoria do conhecimento, sujeito e objeto não devem ser confundidos, nem tampouco cindidos. A separação entre sujeito e objeto é verdadeira e falsa ao mesmo tempo: verdadeira porque o sujeito conseguiu certa autonomia frente ao objeto que lhe permitiu desenvolver um conhecimento mais eficaz para o entendimento e domínio sobre o mundo em que estava inserido; falsa em razão dessa separação não ser absoluta.

O sujeito não está desvinculado do objeto e constituído de forma transcendental, como teorizam os filósofos idealistas. E o objeto não é a coisa em si desprovida de qualquer elemento subjetivo. Como menciona Adorno, ambos são reciprocamente mediados, sem esquecer que a primazia é objetiva.

Esta contradição na separação entre sujeito e objeto comunica-se à teoria do conhecimento. É verdade que não se pode prescindir de pensá-los como separados; mas o *pseudos* (a falsidade) da separação manifesta-se em que ambos encontram-se mediados reciprocamente: o objeto, mediante o sujeito, e, mais ainda e de outro modo, o sujeito, mediante o objeto. A separação torna-se ideologia, exatamente sua forma habitual, assim que é fixada sem mediação. (Adorno, 1995, p. 183)

Assim como as categorias do conhecimento, os juízos estéticos devem ser pensados historicamente; a concepção de beleza também ocorre na relação entre sujeito e objeto. Os fragmentos estéticos valorizados refletem, simultaneamente e de maneira não casual, determinadas características subjetivas e objetivas presentes na realidade.

Em relação à prática de academias, é fundamental a reflexão sobre se os exercícios físicos realizados são experimentados autonomamente pelos indivíduos, pois, muitas vezes, o prazer está restrito à apresentação de uma imagem definida exteriormente, conforme os padrões estéticos vigentes.

Essa é uma característica marcante do exibicionismo. O prazer do exibicionista está vinculado ao olhar do outro, ou seja, impressioná-lo para poder despertar a admiração ou atenção desejada. O seu prazer depende do impacto causado, ou que se pretende causar, nesse outro mediante a exibição de algum atributo pessoal, mas sem o estabelecimento de contatos efetivos, isto é, sem a presença de relações que ultrapassem o ciclo *exibir – chamar a atenção*.

No exibicionismo, o objeto funciona como espelho para refletir sua suposta imagem de beleza, concretizada pela aprovação, admiração ou simplesmente pelo impacto causado frente ao olhar do outro. Nesse sentido, o exibicionismo aproxima-se muito do narcisismo, especialmente se forem consideradas algumas características desse fenômeno mencionadas por Lasch:

Não obstante suas ocasionais ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua auto-estima. Ele não consegue viver sem uma audiência que o admire. Sua aparente liberdade dos laços familiares e dos constrangimentos institucionais não o impedem de ficar só consigo mesmo, ou de se exaltar em sua individualidade. Pelo contrário, ela contribui para sua insegurança, a qual ele somente pode superar quando vê seu “eu grandioso” refletido nas atenções das outras pessoas, ou ao ligar-se àquelas que irradiam celebridade, poder e carisma. (Lasch, 1983, p. 30)

De maneira semelhante ao narcisismo, no exibicionismo não temos uma relação efetiva entre sujeito e objeto em que a distinção entre ambos estivesse preservada. O outro torna-se suporte e meio para que o ideal do ego³ – cujo modelo é difundido pela indústria cultural e apropriado de forma heteronômica pelo indivíduo – se concretize.

Se tomarmos, como exemplo, as academias, principalmente a prática da musculação, talvez o prazer esteja mais vinculado aos resultados a serem obtidos do que com a própria atividade física, no sentido de um bem estar físico e psíquico proporcionado pela liberação cerebral de algumas substâncias químicas, como a endorfina, durante a realização de exercícios. Como uma atividade física

3 Expressão utilizada por Freud no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico. Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se. (Laplanche e Pontalis, 1998, p. 222).

anaeróbica, a musculação libera menos esses tipos de substâncias se comparada às atividades aeróbicas, como a corrida.

Na maior parte, a relação que os indivíduos estabelecem com as atividades físicas é externa. Parece mais uma questão de obrigação do que de liberdade para experimentar o prazer oriundo da própria prática esportiva. Não importa muito o prazer relacionado às atividades em si, mas os resultados a serem obtidos por meio dessas atividades.

Diante disso, temos indícios de que tais atividades refletem condições subjetivas de alienação, ou seja, um afastamento da consciência do indivíduo, representado pela mecanização com que os exercícios são realizados.

A alienação do trabalho e a perpetuação da não liberdade se estendem para o tempo livre – momento em que essas atividades são realizadas. Referindo-se ao tempo livre, Adorno levanta a seguinte questão:

A indagação adequada ao fenômeno do tempo livre seria, hoje, porventura, esta: “Que ocorre com ele com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção em que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência?” Já agora, o tempo livre aumentou sobremaneira: graças às invenções, ainda não totalmente utilizadas – em termos econômicos – nos campos da energia atômica e da automação, poderá aumentar cada vez mais. Se se quisesse responder à questão sem asserções ideológicas, tornar-se-ia imperiosa a suspeita de que o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia deste. Nele se prolonga a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres como a sua não-liberdade em si mesma. (Adorno, 1995, p. 71)

Se os indivíduos nem ao menos reconhecem sua condição de clausura naquilo que se chama tempo livre, a reflexão sobre aquilo que os prende se torna ainda mais difícil.

As atividades nas academias em que eles preenchem seu tempo livre não fogem a essa regra. O ambiente fechado, os movimentos repetitivos, as músicas eletrônicas, a cobrança do professor exigindo a disposição dos alunos para a realização dos exercícios, que caracterizam o funcionamento das academias, lembram o ambiente de trabalho, principalmente as indústrias e o serviço burocrático.

Fundamentalmente, os indivíduos não estão nas academias para se divertir ou realizar atividades criativas, mas para seguir um roteiro preestabelecido, desprovido de espontaneidade. No ensaio sobre o tempo livre, Adorno faz algumas colocações sobre o esporte em geral, mas penso que podem ser relacionadas com a prática específica realizada nas academias:

Todavia, parece evidente a hipótese, entre outras, de que mediante os esforços requeridos pelo esporte, mediante a funcionalização do corpo no ‘team’, que se realiza precisamente nos esportes prediletos, as pessoas adestram-se sem sabê-lo para as formas de comportamento mais ou menos sublimadas que delas se espera no processo do trabalho. A velha argumentação de que se pratica esporte para permanecer ‘fit’ é falsa só pelo fato de colocar a ‘fitness’ como fim em si; ‘fitness’ para o trabalho é contudo uma das finalidades secretas do esporte. De muitas maneiras, no esporte, nós nos obrigaremos a fazer certas coisas – e então gozaremos como sendo triunfo da própria liberdade – que, sob a pressão social, nós temos que obrigar-nos a fazer e ainda temos que achar palatável. (Adorno, 1995, p. 79)

Sejam o condicionamento físico ou a aparência física os objetivos dos esportistas, as atividades praticadas dificilmente são prazerosas em si mesmas pelo fato de se constituírem fundamentalmente como meios para se alcançar algo estabelecido como quase obrigatório pela sociedade.

Na reflexão crítica sobre o cativo em que se inserem os indivíduos, estão as condições fundamentais para tomar consciência da sua falta de liberdade, mesmo onde a liberdade aparenta existir e, conseqüentemente, a formação de uma resistência frente à ditadura estética que tenta convertê-los em seres genéricos.

